

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029968

# “LE ROI DAVID”

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

Todo entendedor de música clássica está farto de saber que oratório e ópera, irmãos gêmeos, nasceram na Renascença, alcançando apogeu no setecentos, para declinar de forma alarmante no séc. XIX, durante o qual podemos referir os oratórios de Beethoven (“Cristo no Monte das Oliveiras”), Spohr, Mendelssohn (“Elijah”, “Paulus”), Berlioz (“L’Enfance du Christ”), César Franck (“Les Béatitudes”), Elgar (“The Dream of Gerontius”, “The Apostles”, “The Kingdom”), Liszt (“Cristus”, “A lenda de Santa Elisabeth”), como os exemplos mais óbvios. Todavia, os compositores de nosso século vislumbraram as formidáveis possibilidades inerentes ao processo criativo, tratando de explorá-las a fundo. Um elenco de grandes obras incluiria, a título exemplificativo, “Oedipus-Rex” de Stravinsky, “Socrate” de Satie, “Sancta Civitas”, “Hodie”, de Vaughan Williams, “Belshazzar’s Feast” de Walton; “Judith”, “Jeanne d’Arc au bûcher” de Honegger, e do mesmo compositor franco-suíço, “Le Roi David”, cuja estréia em SP motiva a presente nota crítica.

De um entretenimento espiritual, o oratório envolveu para variadas dimensões, tornando-se praticamente ópera em forma de concerto. Por outra parte, as lindes do oratório, da cantata, da própria missa tornaram-se adelgaçadas, por vezes até mesmo indecifráveis.

Arthur Honegger (1892-1955), por sua ascendência helvética e linhagem protestante estava predestinado a compôr oratórios. Fe-lo de maneira soberba; e foi graças à referida trilogia que adquiriu renome internacional.

“Le Roi David” inaugurou a série. Composto em 1921, a princípio como música cênica, ou comentário musical para drama de René Morax, envolveu a nível dum portentoso “Salmo Sinfônico” tripartite para coro misto a quatro vozes, narrador (parte declamada), soprano, contralto, tenor solistas, grande orquestra. Nas noites de 19 e 20 de dezembro de 1977, a monumental obra-prima

adentrou o Teatro Municipal de São Paulo, interpretada por tríplice contingente coral “CORALUSP, UNICAMP, CUCA — Coral Universitários da Católica); Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas; NIZA DE CASTRO TANK, soprano; HELLY-ANNE CARAN, contralto; LUIZ TENAGLIA, tenor; DAVID JOSÉ (Narrador), IRENE REVACHE (“A feiticeira de Endor” — parte declamada); BENITO JUAREZ, regente.

Nas duas noites, o Teatro esteve à cunha; e todos quantos lá compareceram se defrontaram com um espetáculo empolgante. Os refletores da TV Tupi, Canal 4, dardejavam suas brilhantes luzes sobre a gigantesca massa coral o quinteto solista e a tremenda orquestra. Quando principiou a execução, os auditores obliteraram o tempo, transportados para mil anos antes de Cristo. Das frígidas páginas da Bíblia emergiu a história do rei David, da juventude até a morte; as alegrias, derrotas, triunfos, padecimentos, obras e memória, tanto do monarca quanto do povo hebreu. Sem exagerar nem forçar o ângulo decorativo por meio de exotismos fáceis e de pacotilha, Honegger soube genialmente elidir o sentimentalismo piegas. Um dos traços marcantes de seu gênio foi sempre a extraordinária capacidade de congruar amalgamando os mais dispares elementos, no barroco ao moderno, do contraponto imitativo aos selvagens desencadeamentos polifônicos. O processo começou em “Le Roi David” para culminar na “Jeanne” agônica, patética, inefável, que gostaríamos testemunhar em SP. Já realizada no Rio de Janeiro sob a batuta de Lamberto Baldi, com extraordinário êxito. Mas venhamos ao ponto da crítica.

Protagonista do oratório é o coro. Houve-se soberbamente, apesar dum pronúncia francesa passível de melhoria, restrição que se aplica ao trío solístico vocal. Para Helly-Anne Caram e Luiz Tenaglia registrou-se o problema do volume emissivo. Cameristas ambos, cobriu-os a orquestra numerosas vezes. Talvez se pudesse partir ru-

mo à perigosa, aleatória experiência da amplificação eletro-acústica, cujos resultados manifestaram-se excelentes no capítulo declamatório. Restrições colaterais, dito seja de passagem, perante os resultados ótimos do “Canto do Pastor David” (N.º 2), “L’Éternel est mon berger” (contralto); Salmos ns. 6, 9, 21 (tenor), o episódio da Dança Perante a Arca, cujos 300 compassos são uma verdadeira cantata para coro, soli, orquestra; tudo, porém, minimizado pelas inefáveis “Lamentações de Gilboa” (N.º 14), para soprano/contralto solistas, coro feminino, locutor e orquestra, cântico que, nas palavras de Willy Schuh, pertence “às mais fortes inspirações da música nova. Nascida nas visões das carpideiras orientais, um movimento sonoro de comovente grandeza como o Antigo Testamento é construído, graças a um melisma mui simples, porém dum expressão inaudita” A essa altura do processo, inspirados pela grandeza da música, os intérpretes tocaram a situação-limite, além da qual resta a mudez do silêncio... Mas não poderíamos esquecer o “Aleluia” do epílogo (N.º 27), com as vozes subindo por graus harmônicos inusitados, símbolos dum ascensão mística a cada compasso mais vigorosa, nos trancelins melismáticos... Alargado, grandioso, sublime, reaparece o Coral, “cantus firmus” fulgurantemente firmado no acorde de Ré Maior, enquanto a orquestra em quintuplo compasso de gamas paralelas ascendentes/descendentes conclui a obra-prima, estupenda e única.

David José mostrou-se perfeito “au fur et à la mesure”. Sua declamação vernácula não lhe carregou a mínima defasagem linguística, porque fé-lo em português, enquanto os restantes perfilharam o texto de René Morax. Elidindo ênfases despropositadas, bem como o tremedal do lacrimoso sentimentalismo, no qual naufragou Jean Hervé, no registro fonográfico Selmer/Westminster (WAL 204, 2 Lp, mono, 1951), foram gerais os aplausos da audiência por sua irrepreensível dicção e suprema dignidade atribuí-

das a um papel absolutamente fundamental no contexto oratorial. Outro tanto diríamos — em termos — de Irene Ravache, como a Pitonisa, não fôsse a dureza ácida, contundente, explosiva da sílabação, porque, afinal de contas, trata-se dum invocação aos poderes mágicos, obscuros, submersos no insondável; nunca uma ululante Elektra da tragédia clássica. Janine Collard na gravação supra-referida, regida pelo próprio compositor, pareceu-nos mais idiomática na proopsta dum espantoso crescendo (“Om! Om! Par le feu et par l’eau, par la parole et par le souffle...” até o indômito desespero, ao verificar o erro: “Apparais! Ah! Tu m’as trompée, tu es Saul!”). Não obstante, a renomada e ótima atriz confirmou o prestígio justíssimo de que desfrutava.

Por seu lado... “at last!” — excelente panfleto enriqueceu a apresentação do oratório, contendo o texto de René Morax, traduzido por Marlyse Meyer, com apoio nas pertinentes passagens bíblicas, muito embora não possamos concordar com alterações e acréscimos não constantes da obra desse dramaturgo suíço. A Redatora Musical da Orquestra Sinfônica Estadual muito teria que aprender na montagem de Notas de Programas acordadas ao título, em vez daqueles profusos e pedantes calhamaços inúteis e dispendiosos; e — o que é muito pior — pagos pelos cofres estaduais a custa de nossos minguados orçamentos...

Por fim, o Maestro (com “M” maiúsculo!) esse incrivei, prodigioso, não sei o que mais se lhe possa celebrar. Benito Juarez tornou “Le Roi David” de Honegger uma experiência tão maravilhosa e única: um oratório do séc. XX, com pouco mais de cinquenta anos de existência, o qual, em termos de grandeza artística, admite válido cotejo com os monumentos da Era Barroca. Sem a mínima precisão idiossincrática, longe do pedantismo auto-suficiente, o Maestro conduziu com absoluta mestria o gigantesso efetivo coral-sinfônico, num efeito hipnótico que não permitiu elisão ou descaimento de interesse em compasso algum da partitura. Com efeito, não é todos os dias nem todas as temporadas que se pode testemunhar feito dessa estatura. A Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, os coros, o regente-titular, fizeram jús às premiações da APCA. A isso se chama trabalhar e vencer pela Arte! “Ad multos annos!”...